



BRUNO SOTERO CORRÊA

**ENSINO E APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES EM ENFERMAGEM SOBRE
ASSISTÊNCIA AOS TRANSEXUAIS: UMA REVISÃO NARRATIVA**

CASCADEL (PR)
2023

BRUNO SOTERO CORRÊA
RA: 00226265

**ENSINO E APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES EM ENFERMAGEM SOBRE
ASSISTÊNCIA AOS TRANSEXUAIS: UMA REVISÃO NARRATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora do curso de Enfermagem da Universidade Paranaense – UNIPAR como exigência parcial para obtenção do grau de Bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Profa. Ma. Aluana Moraes

CASCADEL (PR)
2023

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, que me orientou e colaborou para que meus objetivos fossem alcançados durante todos os meus anos de estudos.

Aos meus pais, Marta Bueno Sotero e Arati Jorge Rodriguês Corrês, por todo o apoio e incentivo que serviram de alicerce para as minhas realizações.

À professora Aluana Moraes, por ter sido minha orientadora e ter desempenhado tal função com dedicação, amizade e não ter desistido de mim durante todo esse processo.

Em especial agradecimento, gostaria de dedicar esse projeto ao meu namorado Higor Miranda Cavalcante, que me ajudou na construção trabalho e que esteve sempre ao meu lado. Sou imensamente grato.

Agradeço também a todo o corpo docente da Universidade Paranaense – UNIPAR, que sempre transmitiu seu saber com muito profissionalismo.

Por fim, às minhas colegas do curso, em especial à Camila Neves, Denise Mitrut, à Gabriela Kemfer, à Juliana Carissimi e à Marielly Dumke, pelas trocas de ideias e ajuda mútua. Juntos conseguimos avançar e ultrapassar todos os obstáculos.

RESUMO

INTRODUÇÃO: Pensando a respeito do papel que o enfermeiro em formação exercerá, o acolhimento é uma das principais funções que esse futuro profissional pode ter conhecimento ao longo da graduação e prestar futuramente referente ao cuidado com o paciente, independentemente de gênero, raça, idade e/ou sexualidade. É na escuta ativa e atenta da enfermagem que o sujeito transexual se sentirá acolhido na unidade de saúde e poderá desenvolver confiança, de modo que comece a ser criado vínculo entre paciente e profissional, sem a presença de qualquer tipo de discriminação e/ou julgamentos. Desse modo, é necessário que os profissionais da enfermagem em formação tenham um olhar mais acolhedor no trabalho com esse público, de modo a tornar o ambiente da Atenção Primária à Saúde mais acolhedor e demonstrar que o local é de inclusão. **OBJETIVO:** Apontar, a partir da revisão narrativa de literatura, como está ocorrendo atualmente a formação de estudantes de enfermagem para lidar com as necessidades de saúde de pessoas transexuais. **METODOLOGIA:** Esta pesquisa exploratória e descritiva adota para a sua consecução o método de revisão narrativa. **JUSTIFICATIVA:** Apesar de ser uma pesquisa em desenvolvimento, em relação aos resultados a serem alcançados, a hipótese é qual a importância dos alunos de conhecer o processo transexualizador, já que não existem disciplinas que abordam o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Enfermagem, Transexualidade, Graduação.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 METODOLOGIA.....	8
3 DESCRIÇÃO DOS ARTIGOS E DISCUSSÃO	10
3.1 DESCRIÇÃO DOS ARTIGOS ANALISADOS.....	10
3.1.1 Transexualidade e demandas de saúde: representações de graduandos de Enfermagem (Queiroz <i>et al.</i> , 2023).....	10
3.1.2 Desvelando o conhecimento de estudantes de graduação em enfermagem sobre as pessoas trans (Gentil <i>et al.</i> , 2023).....	12
3.1.3 “Onde estão as pessoas trans?”: temática da transgeneridade na graduação em enfermagem (Morais <i>et al.</i> , 2023)	14
3.1.4 O cuidado das pessoas trans por profissionais do Sistema Único de Saúde na perspectiva de acadêmiques de Enfermagem (Silva <i>et al.</i> , 2023)	15
3.2 RESULTADOS	16
3.3 DISCUSSÕES DOS RESULTADOS	18
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS	20

1 INTRODUÇÃO

A humanidade atualmente demonstra estar cada vez mais passando por alterações de sua forma de se constituir, e essa questão pode ser facilmente observada por nós todos que somos seres sociais e que interagimos uns com os outros. Dentro desse espectro de mudanças, observamos as questões envolvendo sexo, gênero e sexualidade, aspectos estes que estão inerentes à condição histórica e social de qualquer pessoa (Fideles *et al.*, 2022) e que estão sendo muito discutidos. Mas quando abordamos sobre esse assunto, às vezes parece-nos que tais conceitos são confundidos e mesclados como se fossem sinônimos, mas nisso incorre um grande erro e alguns esclarecimentos são necessários.

Em relação a sexo, temos a dicotomia masculino e feminino (Silva; Previato; Martelli, 2015) e todos os pressupostos que estão historicamente associados a tal noção. Segundo os autores, “[O sexo] é a concepção inicial que temos uns dos outros, nós reconhecemos por pertencermos a determinados padrões estabelecidos sociais do que é ser do sexo masculino [...] ou do sexo feminino” (Silva; Previato; Martelli, 2015, p. 251). A esses padrões podemos citar, por exemplo, a associação do pênis, do pomo de Adão, da estrutura óssea maior e o queixo mais robusto ao homem e da vagina, dos seios e da meiguice ou da fragilidade (*sic*) às mulheres.

Dessa noção de sexo apresentada, precisamos compreender que esta deve ser compreendida como sinônimo de Sexo Biológico (Silva; Previato; Martelli, 2015) – e o sexo biológico está associado única e exclusivamente ao corpo com que o indivíduo nasce, designado no momento do nascimento (Silva; Previato; Martelli, 2015; Fideles *et al.*, 2022). Compreender que o Sexo Biológico não é fator determinante para definir o sujeito é um aspecto que merece destaque desde já, uma vez que tal noção perpassará todo o trabalho, considerando que buscar-se-á discorrer sobre pessoas que nasceram com um sexo biológico, mas não se identificam com este.

Já em relação a gênero, tomando como ponto a definição de sexo biológico, é importante que o sujeito se desvincule da noção de ser biológico (Silva; Previato; Martelli, 2015) e se compreenda como um ser racional e emocional, que está além de fatores físicos. O que importa é a forma que a pessoa se percebe no mundo, e não os cromossomos que a definem (Jesus, 2012), p. 8). A isso damos o nome de identidade de gênero (Fidelis *et al.*, 2022).

Por fim, temos a noção de sexualidade. Sexualidade diz respeito “[...] às elaborações culturais sobre os prazeres e os intercâmbios sociais e corporais que compreendem desde o erotismo, o desejo e o afeto, até noções relativas à saúde, à reprodução, ao uso de tecnologias e ao exercício do poder na sociedade” (ABGLT, 2009, p. 09 *apud* Silva; Previato; Martelli, 2015,

p. 254). É um termo com muitos significados em que vários fatores podem ser considerados. O indivíduo que está socialmente se relacionando com várias pessoas, não só sexualmente, vê sua sexualidade expressar-se de várias maneiras a partir dos diversos estímulos que o próprio ambiente proporciona e é uma questão volátil, que se modificará de acordo com o momento, o local e as pessoas.

Dado esse caráter introdutório, convém observar que a questão de sexo, gênero e sexualidade é um aspecto indissociável do ser humano e, logicamente, também do sujeito transexual, objeto de nosso estudo.

De acordo com Silva, Previato e Martelli (2015), sujeitos transgêneros são aqueles que, de certa maneira, transgridem ou ultrapassam as barreiras postas socialmente em relação aos padrões atribuídos ao seu corpo de acordo com o seu sexo biológico. Ainda, “A pessoa transgênero é entendida como aquela pessoa que possui sua identidade e/ou expressão de gênero diferente do sexo biológico designado ao nascimento” (Zucchi *et al.*, 2019 *apud* Filedes *et al.*, 2022, p. 47). Temos, assim, que são sujeitos “que se reconhecem, se identificam com um gênero que não é o presente em seus corpos, no caso, o pênis ou a vagina, e sim o oposto” (Silva; Previato; Martelli, 2015, p. 254). Em outras palavras, o órgão sexual com que nasceu não os define.

Transexual é a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi designado pela sociedade ao nascer, com base em marcadores biológicos. Isso significa dizer que pessoas transexuais passam a se expressar de acordo com o gênero com que se identificam psicologicamente (Barros *et al.*, 2019) (Santos *et al.*, 2022, p. 2).

Ao conceito de transexualidade, compreendemos que está associado a isso que há um caráter identitário, de definição e delimitação do sujeito e do lugar que ele ocupa na sociedade e das relações sociais e sexuais mantidas por ele. “Não é uma doença mental, não é uma perversão sexual, nem é uma doença debilitante ou contagiosa. Não tem nada a ver com orientação sexual, como geralmente se pensa, não é uma escolha nem é um capricho” (Oliveira; Sousa, 2020).

Ao abordar sobre o sujeito trans, a questão do sexo biológico acaba sendo um aspecto que é desafiador e que pode impactar na forma como este se sente pertencido ou não ao ambiente e, principalmente, ao corpo que possui. Jesus (2012, p. 9) esclarece que “Transexuais sentem que seu corpo não está adequado à forma como pensam e se sentem, e querem corrigir isso adequando seu corpo ao seu estado psíquico. Isso pode se dar de várias formas, desde tratamentos hormonais até procedimentos cirúrgicos”.

Dentro desse aspecto, há que se considerar a questão da discriminação relacionada à população transexual e travesti. Tal aspecto é muito recorrente quando tratamos de saúde pública. Geralmente, as queixas desse público pautam-se nos atendimentos prestados pelos profissionais da saúde. Quando são atendidas, pessoas transexuais relatam o desrespeito com a escolha do uso do nome que consta no documento e não do nome social, quando este pelo menos é perguntado, e a dificuldade de serem atendidas por haver um ideário imaginário de se vincular a transexualidade à doença ou a algo contagioso (Como [...], 2017; Magalhães, 2023).

Segundo o Ministério da Saúde, por meio da Nota Técnica nº 18/2014 (Brasil, 2014), assegura-se o uso do nome social no cartão SUS a qualquer pessoa que se identifique como transexual. Dessa forma, o respeito ao uso do nome social oportuniza que esse público seja tratado devidamente como um cidadão e permite que este seja reconhecida da forma como se identifica, assim contribuindo para que esse paciente não seja desassistido. Como resultados, observamos a redução dos efeitos da vulnerabilidade social e a não marginalização da saúde desse paciente.

Pensando a respeito do papel que o enfermeiro em formação exercerá, o acolhimento é uma das principais funções que esse futuro profissional pode ter conhecimento ao longo da graduação e prestar futuramente referente ao cuidado com o paciente, independentemente de gênero, de raça, de idade e/ou de sexualidade. É na escuta ativa e atenta da enfermagem que o sujeito transexual se sentirá acolhido na unidade de saúde e poderá desenvolver confiança, de modo que comece a ser criado vínculo entre paciente e profissional, sem a presença de qualquer tipo de discriminação e/ou julgamentos.

Desse modo, é necessário que os profissionais da enfermagem em formação tenham um olhar mais acolhedor no trabalho com esse público, de modo a tornar o ambiente da Atenção Primária à Saúde mais acolhedor e demonstrar que o local é de inclusão. Tal mudança colaborará diretamente para que esses profissionais considerem os aspectos de autoidentificação e que estes sejam respeitados, sem julgamentos morais ou desrespeitosos.

Assim, este estudo buscará responder à seguinte pergunta: considerando a literatura sobre o assunto, qual a formação de estudantes de enfermagem sobre a assistência a pacientes transexuais? O objetivo do trabalho será apontar, a partir da revisão narrativa de literatura, como está ocorrendo atualmente a formação de estudantes de enfermagem para lidar com as necessidades de saúde de pessoas transexuais.

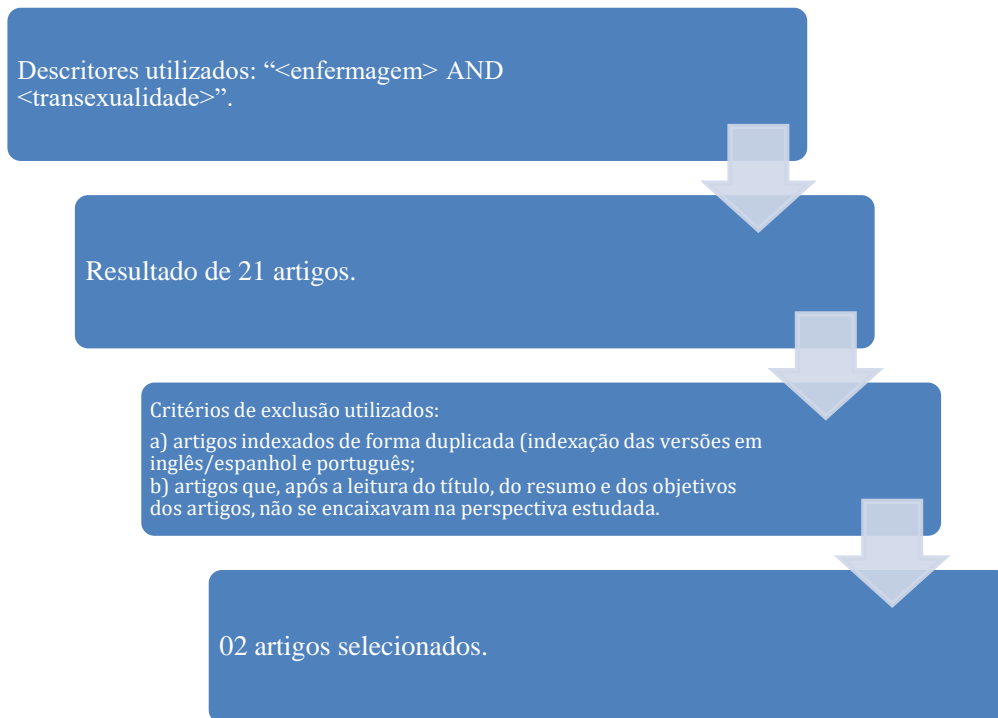
2 METODOLOGIA

Esta pesquisa é exploratória e descritiva por meio método de revisão narrativa da literatura. Tal método permite a integração de estudos empíricos e não empíricos, descrevendo os resultados encontrados em cada estudo, conseguindo, assim, uma análise mais ampla da literatura (Rother, 2007).

Para a realização do levantamento de trabalhos sobre a temática pesquisada, elegemos como critério de inclusão o recorte temporal de 5 anos (2019-2023), gênero artigo científico, publicados em língua portuguesa, na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). O motivo de escolher essa plataforma foi em virtude de sua relevância e abrangência, já que são indexados vários periódicos a nível nacional e internacional, além de outras plataformas, como SCIELO e LILACS. Como critérios de exclusão, foram retirados os artigos com período fora do recorte temporal, duplicados, tese, dissertações, monografias e manuais do Ministério da Saúde.

Na primeira pesquisa realizada, utilizamos os descritores “<enfermagem> AND <transexualidade>” e foram listados 21 artigos. Destes, como critério de exclusão, desconsideramos artigos indexados de forma duplicada (indexação das versões em inglês/espanhol e português) e textos que, após a leitura do título, do resumo e dos objetivos, entendemos que não estava alinhados ao nosso foco. Resultou, assim, em dois artigos para figurar o nosso estudo.

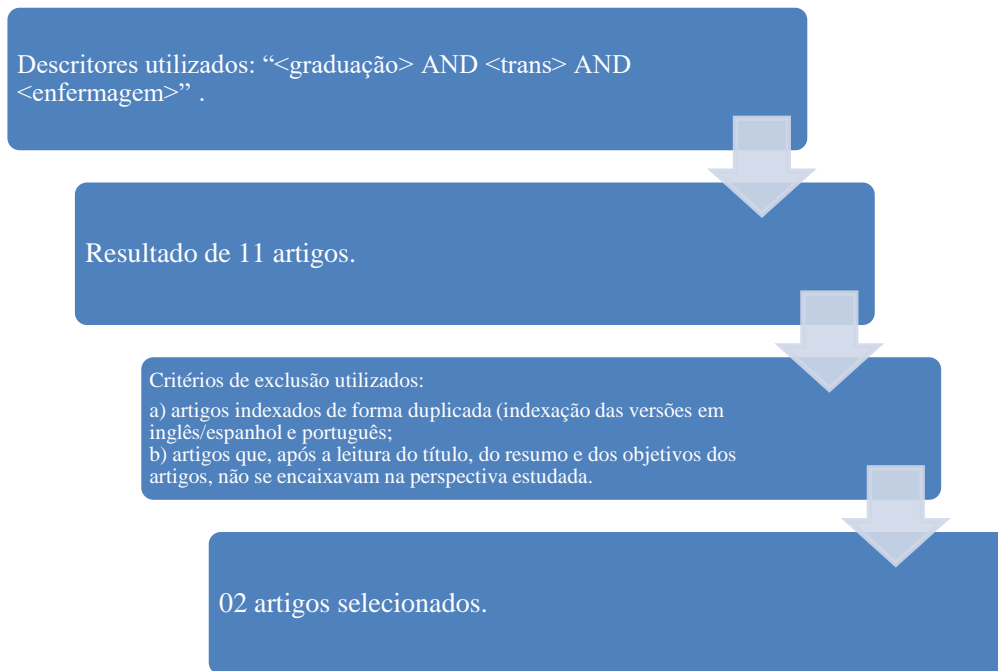
Fluxograma 1 – Procedimento realizado na 1ª pesquisa



Fonte: elaborado pelo autor, 2023.

Considerando a quantidade limitada de artigos encontrados, prosseguimos a uma segunda tentativa. Na segunda pesquisa, utilizamos os descritores “<graduação> AND <trans> AND <enfermagem>” e foram listados 11 artigos. Consideramos os mesmos critérios de exclusão mencionados na primeira pesquisa, além de descartar os artigos que já haviam sido escolhidos na primeira pesquisa, e, assim, também tivemos mais dois artigos.

Fluxograma 2 – Procedimento realizado na 2ª pesquisa



Fonte: elaborado pelo autor, 2023.

A análise dos artigos foi realizada considerando os seguintes itens: ano de publicação, periódico, resultados e discussões.

3 DESCRIÇÃO DOS ARTIGOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentaremos a descrição dos artigos que foram selecionados de acordo com o nosso método de revisão narrativa e a discussão a respeito de nossa percepção sobre os assuntos tratados.

3.1 DESCRIÇÃO DOS ARTIGOS ANALISADOS

3.1.1 Transexualidade e demandas de saúde: representações de graduandos de Enfermagem (Queiroz *et al.*, 2023)

A pesquisa intitulada “Transexualidade e demandas de saúde: representações de graduandos de Enfermagem”, de Queiroz *et al.* (2023), trata-se de um estudo qualitativo e descritivo, realizada com 28 graduandos de enfermagem de uma universidade pública do Rio de Janeiro. Para a sua consecução, foi realizado entrevista semiestruturada com o objetivo de

“analisar as representações sociais dos graduandos de enfermagem acerca da transexualidade e as demandas de saúde das pessoas transexuais” (Queiroz *et al.*, 2023, p. 1).

O texto apresenta que a transexualidade está para uma adequação de forma mais permanente e modificadora do corpo físico. Contudo, essa definição é um tanto quanto carente de embasamento, pois denota uma necessidade de rotulagem e padronização de formas de ser e estar no mundo” (Queiroz *et al.*, 2023, p. 2).

Os autores refletem que a construção cultural que estamos empregados é toda gerada em torno do gênero biológico ao qual nascemos, e culturalmente toda e qualquer ação que sai desse estereótipo que o ‘gênero’ carrega, torna-se estigmatizada. Ou seja, “as construções sociais de nossa sociedade acerca da identidade de gênero são conceituadas como uma característica da identidade social e diz respeito à identificação do sujeito aos gêneros” (Queiroz *et al.*, 2023, p.2)

Nesse contexto, por estarmos integrados a essa sociedade, a questão sobre a transexualidade traz apreensões e discussões. Por isso, os graduandos em Enfermagem, ao praticarem e assistirem o cuidado, são passíveis de perpetuar ações que estão arraigadas na área da saúde, fazendo com que ocorra a prática da discriminação a essa comunidade.

Para comprovar essa questão, os autores apresentam alguns aspectos no artigo e evidenciam que alguns graduandos têm a percepção que a transexualidade não é algo natural. Nesse bojo, pressupõem que o sujeito trans não se identifica com o gênero ao qual nasceu porque pode ter sofrido algum trauma. Vejamos alguns dos relatos apresentados:

Transexualidade é uma transgressão ao sexo que a pessoa nasceu. não é uma coisa natural! Acontece porque ela sofreu alguma violência, alguma coisa assim, que fez ela ficar com trauma (Queiroz *et al.*, 2023, p. 8).

A transexualidade não é normal, não é natural. Ela acontece quando uma pessoa trans não se identifica com o seu sexo de origem. Ela quer mudar, se transformar. Isso acontece devido a problemas traumáticos vividos, que acabam por gerar conflitos e perturbações existenciais, fazendo com que ela queira mudar de sexo. Ela é uma pessoa diferente, não é natural (Queiroz *et al.*, 2023, p. 16).

Ainda, os autores ressaltam que é necessário que o enfermeiro tenha conhecimento científico sobre as técnicas, porém mostram que falta na grade curricular de curso disciplina que aborde sobre o processo de transexualizador.

Eu não tive esse conteúdo na faculdade. Eu acho que deveria ter mais espaços para eventos nessa área e aulas sobre transexualidade, para nos prepararmos para cuidar com mais especificidade (Queiroz *et al.*, 2023, p. 9).

Entre os relatos apresentados, alguns alunos revelam a opinião que a assistência à saúde deve ser igual a qualquer pessoa, não sendo necessário que tenha nenhum cuidado especializado em se tratando de sujeito transexual.

[...] demanda específica? Não tem não!! Todos são iguais. São pacientes como qualquer outro, começam a tomar hormônio para poder mudar a forma do corpo e os cuidados nas cirurgias são iguais a qualquer outro procedimento cirúrgico (Queiroz *et al.*, 2023, p. 24).

Os entrevistados revelam que carregam em suas falas o contexto social que vivem, demonstrando que os sujeitos devem ser tratados como qualquer outra pessoa e destacando que não apresentam especificidades, esquecendo-se que a equidade deve ser empregada. Portanto, para que o sujeito seja tratado com respeito, é necessário que o indivíduo que esteja inserido no serviço de saúde tenha o atendimento com um enfermeiro que desde a sua graduação tenha aprendido a acolher em todo os níveis de atenção, principalmente compreendendo aquelas que existem tratos específicos que englobem atendimento mais humanizado.

3.1.2 Desvelando o conhecimento de estudantes de graduação em enfermagem sobre as pessoas trans (Gentil *et al.*, 2023)

O artigo “Desvelando o conhecimento de estudantes de graduação em enfermagem sobre as pessoas trans”, de Gentil *et al.* (2023) aborda sobre entrevistas realizadas com 19 graduandos em Enfermagem, de outubro a novembro de 2021. O objetivo da pesquisa foi compreender o conhecimento de graduandos de uma universidade do Sul do Brasil referente às pessoas transsexuais.

Ao longo do texto, os autores evidenciam que, conforme a nova versão da Classificação Internacional de Doenças (CID-11) em vigor, a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a transexualidade da seção de transtorno de personalidade, realocando-a no capítulo direcionado à saúde mental. Ainda seguindo por esse contexto, os autores citam que a Resolução nº 2.265-CMF, de 20/09/2019, que trata do cuidado específico à pessoa transgênero, demonstra que o cuidado específico à pessoa com incongruência de gênero ou transgênero, relacionado à atenção especializada, “deve contemplar o acolhimento, o acompanhamento ambulatorial, a hormonioterapia e o cuidado cirúrgico, sendo que este último só poderá ser realizado após

acompanhamento prévio mínimo de um ano por equipe multiprofissional e interdisciplinar” (Gentil *et al.*, 2023, p. 3).

Ainda, Gentil *et al.* (2023) mencionam que, conforme decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), brasileiros (as) trans, maiores de 18 anos e capazes, podem requerer no Cartório do Registro a alteração “requerer a alteração do seu Registro de Nascimento independente de autorização judicial, realização de cirurgias de redesignação sexual e/ou acompanhamento hormonal, ou apresentação de laudos e pareceres médicos ou psicológicos” (Gentil *et al.*, 2023, p. 3).

Por meio dessas diretrizes destacadas, os autores propuseram um instrumento de coleta de dados utilizando roteiro de entrevista semiestruturada. Nessa entrevista, ressaltavam-se as questões gerais sobre o perfil dos participantes e questões específicas sobre gênero, orientação sexual, pessoas trans e a presença desses temas no curso de graduação de enfermagem e/ou na vida pessoal.

Os resultados obtidos a partir desse instrumento mostraram que os estudantes relataram situações em que eles não se sentiram preparados para atender a essa população. Em seus relatos, observamos que os acadêmicos não tiveram esse tema no período inicial da aprendizagem:

[...] A gente aprende a dividir os leitos entre homens e mulheres, não misturar, então levantaram a questão de que se fosse uma mulher trans dentro de um quarto com uma mulher cis, como se resolveria? E nos foi indicado que a gente conversaria com a pessoa cis para verificar se ela concordava em ficar no quarto com alguém trans junto; caso não concordasse, a gente tentaria achar um leito específico (Gentil *et al.*, 2023, p. 6).

Ademais, o artigo de Gentil *et al.* (2023) revela que há uma dificuldade em discutir sobre o assunto, já que os acadêmicos, em sua maioria, não se sentem preparados para atender e cuidar integralmente da população trans. Por esse contexto, os entrevistados relataram que não conhecerem instituições onde tenha a presença de um protocolo de atendimento destinado a pessoa transgênero.

De acordo com os autores, essas dúvidas evidenciam que as inconsistências pedagógicas no âmbito da formação profissional de enfermagem persistem e revelam que os graduandos não tiveram em sua grade curricular, aulas ou simulado que demonstra como deveriam agir perante ao atendimento com uma pessoa trans, assim, auxiliando a não apresentarem dificuldade e medo de ofendê-la. A questão dessa temática não ser abordada logo no início da graduação advém do foco da formação na fisiologia do corpo humano cisgênero.

Dessa forma, o artigo traz que o curso de graduação em Enfermagem tem a responsabilidade na construção do saber dos estudantes como pensam e como cuidam da comunidade trans.

Com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DNC) do curso de Enfermagem, firmada na formação em enfermagem pela Resolução nº 573/2018, “a formação de enfermeiros deve estar orientada para as necessidades individuais e coletivas da população, respeitando as diversidades, inclusive de gênero, de orientação sexual e de identidade de gênero, entre outras” (Gentil *et al.*, 2023, p. 4).

Ainda, os autores tratam da problemática de que os currículos dos cursos da graduação em Enfermagem têm como responsabilidade colocar não apenas citações sobre o assunto em uma determinada disciplina, mas de gerenciar uma disciplina na qual possam abordar sobre gênero, sexualidade, orientação sexual e questões relativas ao processo transexualizador, como evidenciam Gentil *et al.* (2023).

3.1.3 “Onde estão as pessoas trans?”: temática da transgeneridade na graduação em enfermagem (Morais *et al.*, 2023)

A pesquisa intitulada “Onde estão as pessoas trans?”: temática da transgeneridade na graduação em enfermagem, de Moraes *et al.* (2023), apresenta uma abordagem quantitativa onde foram utilizados dados do e-Mec sobre 51 universidades em que foi analisado o currículo dessas instituições sobre a formação e a abordagem do tema da transgeneridade em seu planejamento pedagógico.

Ao logo do texto, os autores discorrem sobre o processo da identidade de gênero que é abordado como a forma como o sujeito se visualiza e se relaciona perante a sociedade. Segundo Moraes *et al.* (2023), o processo de reconhecimento pode acontecer desde a infância até a idade adulta. Ainda, em virtude de a Enfermagem ter uma grande atuação na área da saúde, os autores propõem que “os cursos de graduação formem profissionais que atuem de forma integral considerando a raça, o gênero, a orientação sexual e a identidade de gênero das pessoas” (Morais *et al.*, 2023, p. 2). Com isso, esse artigo tem como objetivo mostrar como a transexualidade é abordada nos cursos de Enfermagem.

Por esse contexto, foi feito a análise de conteúdo por meio da revisão do Projetos Pedagógicos de Curso (PPC), separadas por pastas e avaliadas pelas participantes. Foi feita a busca utilizando “estratégia do uso dos descritores e/ou palavras-chave: ‘gênero’; ‘sexo’;

‘sexualidade/sexual’; ‘identidade’; ‘LGBTQ’; ‘LGBT’; ‘LGBTQIA+’; ‘transgeneridade/transgênero’; ‘transexual’; ‘travesti’ e ‘trans’” (Morais *et al.*, 2023, p. 3).

Como resultados, os autores apontaram que, das 51 Instituições de Ensino Superior pesquisadas, 21 delas aborda essa temática em sua grade curricular. Ainda assim, os autores destacaram que a questão da transgeneridade não é trabalhado de forma direta, central, “mas é pontuada quando se aborda a construção social do gênero, a interseccionalidade do gênero com raça e sexualidade, às políticas de saúde e a prevenção de agravos e os cuidados em Enfermagem para a população em vulnerabilidade” (Morais *et al.*, 2023, .

3.1.4 O cuidado das pessoas trans por profissionais do Sistema Único de Saúde na perspectiva de acadêmiques de Enfermagem (Silva *et al.*, 2023)

No trabalho, “O cuidado das pessoas trans por profissionais do Sistema Único de Saúde na perspectiva de acadêmiques de Enfermagem”, de Silva *et al.* (2023), os pesquisadores utilizaram a “Mandala dos Saberes”, que é um projeto de extensão com o objetivo de proporcionar um espaço para que haja uma discussão e, assim, compreender o “nível do conhecimento sobre o cuidado que os profissionais da saúde têm no atendimento com comunidade participante e desmistificar preceitos que poderiam advir” (Silva *et al.*, 2023, p. 226). O projeto é composto por mediadoras/facilitadoras que nesse papel seriam feitos pelos acadêmicos e as participantes ao redor, totalizando 7 pessoas, seis sujeitos do gênero feminino e um sujeito do gênero masculino, nos termos utilizados pelos autores, com idade de 20 a 57 anos. Destacamos o uso do termo “acadêmiques”, em alusão à linguagem neutra para se referir a todas as pessoas participantes do estudo.

O artigo está pautado na Portaria nº 2.836/2011, sendo o alicerce para a Política Nacional de Saúde LGBTQ+, onde se articula com as ações e programas, que defendem o direito à saúde, à especificidade no atendimento e à redução da discriminação para com essa população. Nesse contexto apresentado, os pesquisadores têm a intenção de saber a percepção dos participantes em relação ao atendimento prestado pelos profissionais de saúde.

Sendo assim, com a discussão direcionada pelo método “Mandala dos Saberes”, os acadêmicos mediarão e juntarão as respostas que os participantes relaram conforme suas experiências vividas. Dentre elas, foram elencados alguns pontos: “a discriminação dentro do Sistema Único de Saúde ocasionando o afastamento da comunidade” (Silva *et al.*, 2023, p. 234); “a não prática da equidade a qual é necessário realizar o cuidado proporcional às necessidades do sujeito” (Silva *et al.*, 2023, p. 234); “o desrespeito com a atribuição do nome social, aos

quais profissionais desrespeitam a importância do mesmo além de praticar a rejeição do auxílio na realização de procedimentos, como a coleta do exame citopatológico” (Silva *et al.*, 2023, p. 235); “trazem o preconceito da religião e espiritualidade interferindo na prática da ética provinda pela profissão” (Silva *et al.*, 2023, p. 235); “salientaram que observaram os profissionais estarem despreparados para lidar com a diversidade” (Silva *et al.*, 2023, p. 236); “a falta de assistência direcionada ao tratamento específico não ao gênero mas para pessoas com órgão genital feminino ou masculino” (Silva *et al.*, 2023, p. 236); “a comunidade trans após se identificar, é forçada a lutar pela sua identidade de gênero, enfrentando a estigmatização e discriminação” (Silva *et al.*, 2023, p. 236); “com as barreiras provindas para acessar o serviço básico de saúde, acabam buscar alternativas não seguras para ser prestada o cuidado” (Silva *et al.*, 2023, p. 237).

Por meio dessa análise, percebemos que ainda convivemos com alguns estigmas que são projetadas na saúde, como a discriminação e a não preparação no atendimento dessa comunidade (Silva *et al.*, 2023). Sendo assim, muitos dos atendimentos hospitalares e em saúde primária são direcionados em atender à população cisnormativa, que são aquelas pessoas que se identificam com o gênero o qual nasceram, fazendo com que essa população que necessita da assistência à saúde acabe tendo dificuldades e provocando consequências irreversíveis.

Concluindo, os autores salientam que “é preciso reexaminar a educação acadêmica e a elaboração de conhecimentos relacionado aos cuidados em saúde” (Silva *et al.*, 2023, p. 238). Fazendo, assim, com que ocorra uma mudança dentro do ensino superior, disponibilizando conteúdos que abordam sobre a temática e inserindo estágios curriculares que possa auxiliar na formação, além de formar profissionais que respeitam os direitos e as especificidades desse público.

3.2 RESULTADOS

Os quatro artigos obtidos estão ilustrados no Quadro 1, disponível a seguir:

Quadro 1 – Levantamento dos artigos escolhidos para figurar o estudo

ANO	AUTOR(ES)	TÍTULO	METODOLOGIA	OBJETIVOS	PERIÓDICO
2023	Ana Beatriz Azevedo Queiroz, Alison Malheiros de Castro, Ana	Transexualidade e demandas de saúde: representações de graduandos de Enfermagem	“Pesquisa qualitativa, descritiva, com 28 graduandos em enfermagem de uma universidade	“Analisar as representações sociais dos graduandos de enfermagem acerca da	Revista Gaúcha de Enfermagem (RGE)

	Luiza de Oliveira Carvalho, Carina Bulcão Pinto, Juliana da Fonsêca Bezerra, Diana da Silva Gonçalves, Gabriela Silva dos Santos e Hannah de Melo dos Santos		pública do Rio de Janeiro/ Brasil. Realizou-se uma entrevista semiestruturada, no período de novembro de 2017 a março de 2018, e análise tipo lexical com auxílio do software Alceste 2012” (Queiroz <i>et al.</i> , 2023, p. 1)	transexualidade e as demandas de saúde das pessoas transexuais” (Queiroz <i>et al.</i> , 2023, p. 1)	
2023	Ana Gabriela Bastos Gentil, Maria Itayra Padilha, Maria Lígia dos Reis Bellaguarda e Jaime Alonso Caravaca-Morera	Desvelando o conhecimento de estudantes de graduação em enfermagem sobre as pessoas trans	“Estudo descritivo com abordagem qualitativa a partir de entrevistas realizadas com 19 estudantes de graduação em enfermagem matriculados do oitavo ao décimo período do curso” (Gentil <i>et al.</i> , 2023, p. 1)	“Compreender o conhecimento dos estudantes de graduação de enfermagem em uma universidade do sul do Brasil no tocante às pessoas trans” (Gentil <i>et al.</i> , 2023, p. 1)	Texto & Contexto – Enfermagem
2023	Andréia Vanessa Carneiro de Moraes, Bianca Conceição Gomes de Santana, Helena Moraes Cortes, Izabel Conceição Santos, Jeane Freitas de Oliveira, Lanna Katherine Leitão Conceição, Marília Emanuela Ferreira de Jesus e Thalia Nepomuceno Santos Santiago	“Onde estão as pessoas trans?”: temática da transgeneridade na graduação em enfermagem	“Estudo de abordagem qualitativa, de base documental, do tipo analítico-descritivo, que utilizou dados provenientes do portal e-Mec, Projetos Pedagógicos de Curso, ementas de componentes curriculares e informações dos grupos de pesquisas cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do Brasil” (Moraes <i>et al.</i> , 2023, p. 1)	“Investigar se/como a transgeneridade é abordada nos cursos de graduação em Enfermagem das Universidades Federais Brasileiras”. (Moraes <i>et al.</i> , 2023, p. 1)	Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde

2023	Mayara Paulina Barbosa da Silva, Sanderson Mendes do Nascimento, Betânia da Mata Ribeiro Gomes, Jael Maria de Aquino, Kelly Cristina do Nascimento	O cuidado das pessoas trans por profissionais do Sistema Único de Saúde na perspectiva de acadêmiques de Enfermagem	“A aplicação da Mandala dos Saberes foi realizada com seis participantes do gênero feminino e um do gênero masculino, na faixa etária de 20 a 57 anos” (Silva <i>et al.</i> , 2023, p. 226)	“Este trabalho baseou-se na perspectiva que estudantes de enfermagem têm acerca do cuidado das pessoas trans por profissionais do Sistema Único de Saúde” (Silva <i>et al.</i> , 2023, p. 226)	Revista de Educação Popular
------	--	---	---	--	-----------------------------

Fonte: organizado pelo autor

Destacamos a carência de artigos encontrados que abordassem especificadamente sobre esse assunto. Observamos que, na perspectiva da formação do acadêmico de enfermagem, ainda são poucos os trabalhos disponíveis.

3.3 DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

No artigo, a “Transexualidade e demandas de saúde: representações de graduandos de Enfermagem”, de Queiroz *et al.* (2023), participaram 28 graduandos de enfermagem de uma Universidade Federal do Rio de Janeiro, a mesma Instituição dos autores. Já no segundo artigo “Desvelando o conhecimento de estudantes de graduação em enfermagem sobre as pessoas trans”, de Gentil *et al.* (2023), a pesquisa foi realizada com 19 graduandos de enfermagem em uma Universidade Federal do Sul do Brasil, mas no artigo de Silva *et al.* (2023), “O cuidado das pessoas trans por profissionais do Sistema Único de Saúde na perspectiva de acadêmiques de Enfermagem”, a pesquisa foi realizada com 7 participantes, sendo pesquisadas pelos graduandos da Universidade de Pernambuco. Ademais, no artigo de Morais *et al.* (2023), “Onde estão as pessoas trans?”: temática da transgeneridade na graduação em enfermagem”, foram analisadas 21 universidades pelos graduandos.

Ao longo da leitura dos textos, identificamos alguns pontos importantes, um deles citados no artigo de Queiroz *et al.* (2023), em que conseguimos perceber pelos relatos dos entrevistados que estes sentem uma carência, por parte da sua formação, em relação à transexualidade. Assim, perpetuando ações que estão arraigadas na área da saúde, fazendo com que ocorra a prática da discriminação a essa comunidade.

Como base para esse ponto, podemos também citar o artigo de Gentil *et al.* (2023), que demonstrou que a grade curricular dos cursos ainda está focada na pessoa cisgênero e que os estágios curriculares não abordam como deveria ser o acolhimento e quais especificidade o graduando poderá evidenciar na sua formação.

A grade curricular da graduação em Enfermagem, segundo o que Gentil *et al.* (2023, p.4) apresentam, “deve ser orientada às necessidades individuais e coletivas da população, respeitando as diversidades, inclusive de gênero, de orientação sexual e de identidade de gênero, entre outras”. Dessa forma, o artigo de Moraes *et al.*(2023) mostra que em 21 das 51 universidades que houve a análise da grade curricular, tem a transgeneridade em sua composição curricular, demonstrando, assim, que algumas universidades estão buscando ampliar o seu conteúdo didático, tanto na área de ensino quanto na área da pesquisa.

Nos quatro textos, percebemos que há um consenso sobre a falta de disciplinas na formação de estudantes de enfermagem para lidar com as necessidades de saúde de pessoas transexuais, que, com o passar do tempo, vêm aumentando ainda mais a discussão sobre essa temática. Embora não sejam indicados resultados, os graduandos apontam algumas resoluções para que ocorra a inserção da transgeneridade na grade curricular.

Buscando aliar às perspectivas apontadas nos artigos que analisamos e na proposta deste trabalho, apresentamos, a seguir, uma alternativa inicial para incorporar discussões sobre as pessoas transexuais na grade curricular do curso de graduação de Enfermagem.

A primeira etapa seria inserir assuntos como gênero, sexo, sexualidade e orientação sexual já no primeiro período que o graduando frequentar o ensino superior, de modo que o Colegiado do Curso e o Núcleo Docente Estruturante do curso perceba qual é o nível dos graduandos e se há necessidade de aprimorar essa abordagem nas disciplinas nos anos seguintes.

A segunda etapa seria discutir os direitos e a Política Nacional de Saúde LGBTQ+ que regulariza e defendem os direitos, como o uso do nome social em sala de aula. Essa discussão poderia ser feita diretamente em disciplinas específicas da grade do curso ou também por meio da realização de eventos ou atividades extracurriculares permanentes nas quais os discentes fossem obrigados a cumprir carga horária dentro de sua formação.

A terceira etapa seria discussão sobre o processo transexualizador que está em vigor pelo Sistema Único de Saúde, que permite e garante o direito a pessoa com incongruência de gênero a partir dos 18 anos a ter acesso à assistência multiprofissional com psicólogo, enfermeiro, médico, endocrinologista e uso de hormonioterapia.

A quarta e última etapa seria um conjunto de atividades teóricas e práticas, de modo a inserir o graduando no contexto de trato com as pessoas transexuais, aliando à prática o que foi aprendido nas etapas anteriores. O graduando poderá conseguir compreender e praticar uma assistência mais acolhedora, entendendo que é preciso ter um olhar mais holístico, além de compreender que para cada sujeito é necessário ter um olhar mais específico.

A proposta que fizemos não se encerra nela mesma, mas atua como uma possível forma de iniciar a abordagem no tema na formação superior inicial do Enfermeiro. Nossa tentativa é possibilitar que as instituições, por meio de suas especificidades, adaptem o seu currículo à necessidade que cada vez mais a nossa sociedade vem solicitando que é a formação de enfermeiros que já tenham a experiência de abordagem com pessoas transexuais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, apresentamos algumas reflexões envolvendo a transexualidade e como essa temática está sendo discutida na enfermagem. Foi apontado a visão da comunidade e dos próprios graduandos, e podemos compreender que há uma carência na assistência das pessoas transexuais e como elas são vistas pelos acadêmicos. Dessa forma, não foi o intuito dizer como deve ser feito, mas apontar para os processos que levem docentes e discentes a refletirem sobre como a temática é vista na graduação, já que a transexualidade é um assunto que deve ser discutido e implementado na grade curricular.

Para tanto, com os artigos descritos e analisados em nossa pesquisa, evidenciamos que é necessário que haja uma mudança no instrumento de aprendizagem, que está voltada para a fisiologia cisgênero e seja alterado para uma visão na qual o órgão genital ou as características físicas não definem como será seu atendimento. Isso influenciará na formação de profissionais que saibam que é necessário ter um atendimento mais específico e com equidade, em que a discriminação enraizada comece a se desfazer, trazendo a comunidade transexual para mais perto do sistema de saúde.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Nota Técnica nº 18, de 24 de setembro de 2014. **Nota Técnica referente a impressão do Cartão Nacional de Saúde com Nome Social**. [Brasília]: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/cns/portarias-cns/nota-tecnica-nome-social-18-2014.pdf/view>. Acesso em: 08 nov. 2023.

CARVALHO, M. E. P. **Gênero: o que é e o que não é ideologia.** [S. l.: s. n., s. d.]. Disponível em: <https://www.ufpb.br/escolasplurais/contents/noticias/didaticos/o-que-e-e-o-que-nao-e-ideologia-de-genero/Gnerooqueeouenoideologia4.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2023.

COMO acolher a população transexual na Atenção Primária em Saúde? São Paulo: Núcleo de Telessaúde Santa Catarina, 2017. Disponível em: <https://aps-repo.bvs.br/aps/como-acolher-a-populacao-transexual-na-atencao-primaria-em-saude/>. Acesso em: 18 nov. 2023.

FIDELES, F. F.; CONTERNO, S. DE F.; FERRANDO, M. DOS REIS, A. C. E.; MARTELLI, A. C.; Assistência à saúde da mulher trans: fragilidades e desafios. **Revista Cereus**, Gurupi, v. 14, n. 2, p. 46-60, 6 jul. 2022. Disponível em: <http://ojs.unirg.edu.br/index.php/1/article/view/3694>. Acesso em: 30 nov. 2023.

GENTIL, A. G. B. *et al.* Desvelando o conhecimento de estudantes de graduação em enfermagem sobre as pessoas trans. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 32, p. e20220150, 2023. DOI: <http://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2022-0150pt>

JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** Brasília: [S. n.], 2012. Disponível em: <https://www.diversidadessexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2022.

MAGALHÃES, L. G. **Manual de acolhimento de Transexuais e Travestis (TT) à Atenção Primária à Saúde (APS).** São Paulo: USP, 2023. Disponível em: https://www.ee.usp.br/posgraduacao/mestrado/apostilas/Acolhimento_Transsexuais.pdf. Acesso em: 18 nov. 2023.

MORAIS, A. V. C. de; JESUS, M. E. F. de; SANTOS, I. C.; CONCEIÇÃO, L. K. L.; SANTIAGO, T. N. S.; SANTANA, B. C. G. de; CORTES, H. M.; OLIVEIRA, J. F. de. “Onde estão as pessoas trans?": temática da transgeneridade na Graduação em Enfermagem. **Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, Uberlândia, v. 19, p. e1928, 2023. DOI: 10.14393/Hygeia1967954. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/67954>. Acesso em: 18 nov. 2023.

OLIVEIRA, M. A. S.; SOUSA, P. H. **O alocamento de detentos transexuais no sistema prisional brasileiro.** [S. l.]: Jus, 2020. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/82524/o-alocamento-de-detentos-transexuais-no-sistema-prisional-brasileiro>. Acesso em: 06 abr. 2023.

QUEIROZ, A. B. A *et al.* Transexualidade e demandas de saúde: representações de graduandos de Enfermagem. **Rev Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 44, p. e20220046, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2023.20220046.pt>

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista De Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>. Acesso em: 18 nov. 2023.

SANTOS, L. S. *et al.* Qualidade de vida de transexuais após cirurgia de redesignação sexual. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 1, e58411125383, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/25383/22215/296842>. Acesso em: 02 abr. 2023.

SILVA, J. C.; PREVIATO, R. C. M.; MARTELLI, A. C. Sexo, gênero e sexualidade: princípios para uma discussão inicial. In: SOARES, A. S. F.; MARTELLI, A. C.; OLIVEIRA, V. B. M. **Seminário Internacional de Etnia, Diversidade e Formação: a inscrição do gênero/etnia em práticas discursivas e formação docente.** Toledo: FASUL, 2015. 250-257.

SILVA, M. P. B. da; NASCIMENTO, S. M. do; GOMES, B. da M. R.; AQUINO, J. M. de; NASCIMENTO, K. C. do. O cuidado das pessoas trans por profissionais do Sistema Único de Saúde na perspectiva de acadêmiques de Enfermagem. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, n. Edição Especial, p. 226-241, 2023. DOI: 10.14393/REP-2023-69030. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/69030>. Acesso em: 18 nov. 2023.